

Entre o Projeto e a Prática Pedagógica: Uma reflexão sobre Como formar o comunicador participante.

Elizabeth Moraes Gonçalves

Doutora em Comunicação Social pela UMESP.
Docente e pesquisadora do Programa de Pós Graduação Stricto Sensu em Comunicação Social da UMESP.
Responsável pelo projeto de pesquisa “Linguagem e discursos especializados na Comunicação”.
bethmgoncalves@terra.com.br

Adriana Barroso de Azevedo

Doutora em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo - UMESP.
Assessora Pedagógica do Centro de Educação a distancia - CEAD /UMESP.
adriana.azevedo@metodista.br

Resumo

Este texto visa levar à reflexão sobre a importância de se considerar a relação professor aluno sob uma nova perspectiva, de forma a considerar o novo perfil do educando, as demandas da atual sociedade quanto às características do profissional, e, sobretudo, a tornar a construção do conhecimento um processo pró-ativo, cujo resultado seja significativo. Os projetos pedagógicos dos cursos de comunicação social apresentam um discurso marcado pela interação entre os atores envolvidos no processo ensino-aprendizagem, porém a prática pedagógica nem sempre acompanha as propostas apresentadas.

Palavras-chave: comunicação, ensino, discurso, projeto pedagógico.

Introdução

Ensinar a aprender, aprender ensinando e aprender a aprender são os novos lemas dos projetos pedagógicos dos cursos mais modernos, sobretudo na área de comunicação, porém na maioria das vezes não passam de teoria, pois a prática encontra barreiras em posições ancoradas numa pedagogia tradicionalista, na visão de educação do professor, na concepção de aprendizagem do professor e do próprio aluno e na postura avaliativa da Instituição de ensino.

A educação historicamente concebida, desde a Grécia antiga, evidencia uma construção curricular holística, visando a formação completa do cidadão. Os estudos de lógica,

matemática, aritmética, passando pela música, geometria, astronomia, entre outros, revelam uma intenção de formação integral, generalista e humanista, princípios que na atualidade são recuperados em propostas pedagógicas alternativas que buscam incessantemente vencer as barreiras da disciplinaridade.

A fragmentação dos saberes na educação formal é decorrente de um processo de especialização das ciências, que determinou uma fragmentação do conhecimento e uma crescente subdivisão da própria ciência, valorizando diferentemente o conhecimento disciplinar, dito científico, em detrimento das demais formas possíveis de conhecimento. Conforme Machado (2002, p.137) o *trivium*, o currículo básico da Grécia antiga, não visava à especialização ou à formação para o trabalho, mas destinava-se a todos os cidadãos, portanto “a subversão das funções das disciplinas, com a transformação de meio em fim, é uma corrupção moderna da idéia original” (MACHADO, 2002, p.138).

Nesse sentido a organização curricular, presente na prática das instituições de ensino, nem sempre leva em consideração a afinidade entre as disciplinas, de maneira a propiciar uma relação dialógica entre conteúdos e docentes.

A especialização continua necessária, mas é fundamental perceber o quanto é profunda e míope, ao mesmo tempo. Para contornar isso, será melhor trabalhar em equipe, somando competências. Não é fácil, porque não se trata de soma, mas de outra maneira de tecer, a muitas mãos, o mesmo discurso (DEMO. 2000, p.147).

A divisão dos campos do conhecimento desencadeia subdivisões cada vez mais específicas, determinando conhecimento mais aprofundado e isolado em detrimento de uma visão mais global da área em que se insere. No que se refere à área da comunicação pode-se observar que de suas origens na retórica clássica, como um dos componentes do processo de interação, aos atuais cursos de comunicação social, o que se tem é justamente a divisão e subdivisão cada vez mais acentuada, em disciplinas e saberes especializados.

A organização da escola é, e continuará a ser, marcadamente disciplinar; os professores são, e continuarão a ser, professores de disciplinas, não havendo qualquer sentido na caracterização de um professor de ‘competências’. No entanto, urge uma reorganização do trabalho escolar que reconfigure seus espaços e seus tempos, que revitalize os significados dos currículos como mapas do conhecimento que se busca, da formação pessoal como a constituição de um amplo espectro de competências e, sobretudo, do papel dos professores em um cenário onde as idéias de conhecimento e de valor encontram-se definitivamente imbricadas (MACHADO, 2002, 139).

A proposta interdisciplinar nos currículos constitui-se, portanto, em uma tentativa de restabelecer o diálogo entre os diferentes saberes (disciplinas) na área de conhecimento.

O Novo Perfil da Escola e do Professor para o aluno dos novos tempos

Qual é o papel da escola contemporânea? A escola ainda tem que ser um mundo fechado de conteúdos programáticos pré-determinados? Acreditamos que o papel da escola não seja apenas o de formar bons alunos, com elevado nível de conhecimento, mas deve estar preocupada em formar cidadãos preparados para o mundo globalizado em que estamos vivendo, cidadãos que tenham uma visão crítica, de forma a entender, opinar e interagir na sociedade na qual estão inseridos. Segundo Capra (1997, p.45), “o mundo nos dias de hoje está globalmente interligado, no qual os fenômenos biológicos, psicológicos e ambientais são todos interdependentes, sendo assim é necessário um novo paradigma, uma mudança fundamental, uma transferência da concepção mecanicista para uma visão holística da realidade”.

A escola precisa estar atenta ao fato de que as mudanças no mundo acontecem rapidamente e, por isso, torna-se importante tentar diminuir a distância que a separa da vida ‘real’, o que muitas vezes a faz parecer com algo obsoleto, fora de contexto e sem vínculos com o cotidiano. Cabe ao professor adotar uma nova postura diante dos conteúdos programáticos a serem cumpridos para alterar esta situação, não sendo mais o cerne do conhecimento em sala de aula, mas inteirando-se com o aluno, proporcionando trocas de experiências e incentivando a criatividade.

Neste sentido, educar é preparar para a liberdade, transformar o aluno em um ser livre por saber escolher e atuar socialmente. O bom professor deve estimular a diversidade, torcendo para que seus alunos tenham suas próprias idéias e que tenham a coragem de defendê-las e fundamentá-las.

Enfrentar os desafios propostos na atualidade pela educação exige um preparo diferenciado do professor, que seja capaz de envolver-se no processo com o aluno com co-responsabilidade pelo aprendizado, com parceria, diálogo e respeito pela pessoa e pelo conhecimento do outro. Conforme Masetto (2003, p.74) “a relação entre o professor e aluno deixa de ser vertical e de imposição cultural e passa a ser de construção em conjunto de conhecimentos que se mostrem significativos para os participantes do processo, de habilidades humanas e profissionais e de valores éticos, políticos, sociais e transcendentais”.

Neste contexto, a sala de aula transforma-se em um ambiente de interação, no qual os saberes inicialmente apresentados por professor e alunos são enriquecidos pelos saberes construídos nessa interação, ou seja, “a aula funciona numa dupla direção: recebe a realidade, trabalha-a cientificamente, e volta a ela de uma forma nova, enriquecida com a ciência e com propostas novas de intervenção” (MASETTO, 2003, p.75).

Tal processo interativo é caracterizado pelo modelo no qual todos ensinam e todos aprendem; o aluno é fundamentalmente agente de construção do seu saber e o professor é o

mediador, responsável por facilitar a transformação das informações em conhecimento. Exige-se uma postura atuante, responsável e coerente tanto de professores, quanto de alunos, assim como torna-se imprescindível que o professor além de ser especialista em sua área de conhecimento, tenha uma formação que possibilite esta vivência com seu aluno, exercitando uma “coerência entre o discursos de aula e sua ação”(MASETTO, 2003, p.77).

Esta visão que parece ser nova no contexto educacional nada mais é que uma retomada do trabalho docente concebido de forma holística para propiciar a construção do conhecimento.

O professor comparece com conhecimento tão respeitável que merece ser copiado. É difícil para ele aceitar que está no mesmo barco que o aluno, nadando nas mesmas águas de dúvidas. Aprender não é manejar certezas, mas trabalhar com inteligência as incertezas (DEMO, 2000, p.11).

As aplicações de práticas não tradicionais no processo ensino-aprendizagem podem contribuir significativamente para o desenvolvimento cognitivo do aluno, e propiciar uma aproximação com o professor. O relacionamento do grupo tenderá a se fortalecer no sentido da interação, pois não somente o professor estimulará a criatividade dos alunos, mas também motivará o espírito de equipe, atualmente muito citado no meio organizacional. Deve-se lembrar que os alunos de hoje serão os futuros profissionais e, neste sentido, a formação escolar vem desempenhando influente e importante papel. A proposta da implantação de novos métodos no processo ensino-aprendizagem vem ao encontro de expectativas mais dinâmicas, que refletirá numa maior participação do aluno no âmbito escolar, ou seja, em sala de aula.

O Projeto Pedagógico e a Proposta Interdisciplinar

Além de constituir-se em exigência legal para a implementação de cursos de graduação de qualquer natureza, o Projeto Pedagógico, no contexto do ensino superior, tem-se constituído como preocupação constante das instituições, por representar um instrumento vital, pelo seu potencial transformador, para a avaliação e retro alimentação das instituições e seus cursos.

É no Projeto Pedagógico que as Instituições de ensino expressam suas intenções, seus desejos e traçam as estratégias pedagógico/administrativas para atingir a execução do planejamento do curso proposto e a formação do profissional com as características especificadas em cada projeto.

Tem sido uma constante nos projetos pedagógicos dos cursos mais arrojados e comprometidos socialmente, não pensar na formação de um profissional que domine unicamente a técnica, mas que se diferencie pela sua capacidade de ler e analisar o cenário, os fatores e os condicionantes de situações favoráveis ou adversas, compreender, com base numa profunda formação humanística, os fenômenos sociais e o comportamento humano. Não apenas um profissional bem informado, mas alguém que transforme a informação, que a manuseie com destreza e agilidade, transformando-a em conhecimento.

Nesse sentido, a busca da formação de um profissional da comunicação que atenda aos anseios institucionais expressos nos Projetos Pedagógicos vem percorrendo um longo caminho, uma vez que a própria área tem sido marcada por mudanças rápidas e significativas, principalmente quando se considera a tecnologia e os avanços da indústria da informática.

O novo panorama da comunicação nos faz direcionar a formação dos futuros egressos de maneira a colocar no mercado de trabalho profissional apto a se antecipar aos problemas de comunicação de seus clientes, possibilitando o domínio da técnica no encaminhamento de soluções, além de criativas, viáveis economicamente e eficientes na consecução de resultados dentro do contexto mercadológico em que o cliente está inserido. Para tanto, o domínio da técnica não é elemento suficientemente determinante no sucesso profissional, considerando que as decisões e escolhas sobre qualquer processo criativo, em qualquer sub-área da comunicação deve estar subsidiada por uma sensibilidade e estética frutos de um processo de formação adequado.

Uma Nova proposta metodológica no desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem nos cursos de comunicação social propõe que se assumam novas posturas coletivas e projetos comuns de ação integradora, de maneira que alunos e professores possam ter uma visão de conjunto das disciplinas no semestre, dos semestres no curso e até dos cursos entre si. O trabalho organizado desta maneira deve centrar-se no aluno e não no conteúdo e exige mudanças de atitudes não só do professor e do aluno, mas também dos administradores que se inserem no processo a fim de viabilizar as ações, reconhecendo-as como significativas para a tarefa a que a instituição se propõe.

Projetos interdisciplinares, integradores e até transdisciplinares não são inéditos nem inovadores na educação. Um dos quesitos avaliados pelo Ministério da Educação nos cursos de graduação é a existência de tais propostas. Porém, na maioria das vezes não passam de intenções e quando acontecem não ultrapassam os limites da temática única a ser desenvolvida pelas várias disciplinas de forma fragmentada. Integrar de fato exige investimento, tempo e comprometimento: só a equipe coesa e comprometida pode ir além da “aula” e enfrentar o desafio de construir algo novo com o envolvimento de todos os atores do processo. A transdisciplinaridade é um modo de conhecer e de conhecer o conhecimento. Um modo de pensar e de pensar o pensamento.

Nessa dimensão, o trabalho pedagógico exige do docente não apenas o conhecimento sólido do conteúdo da área na qual é especialista, mas um repensar da sua visão de educação, de homem e de mundo e uma nova postura na sua ação pedagógica em sala de aula,

partilhando com os conteúdos das demais disciplinas um lugar de colaboração e não de projeção.

Avalia-se, desta forma, que tais ações representam, na universidade, uma tentativa concreta da superação da visão fragmentária dos objetos e dos acontecimentos para se alcançar a construção do conhecimento da totalidade das coisas por meio do intercâmbio entre os diversos conhecimentos.

A pedagogia que precisamos deve ter condições de corrigir a enorme deformação efetuada a partir do século XIX e que se agrava a cada dia que passa: a intelectualização levada ao extremo. (...) Procura-se uma educação que dê mais ênfase ao processo de ensino do que ao conteúdo. (...) Os alunos e professores são parceiros no processo de ensino e aprendizagem, e o professor é levado a atuar como facilitador desse processo, se propondo também a aprender com seus alunos (TAVARES, 1993, p.125).

A construção coletiva de um material é tão importante quanto o produto final e, muitas, até mais importante, pois, durante o processo pode ser desenvolvido o lado social através do trabalho em grupo, a colaboração, a responsabilidade, o desempenho, o respeito ao colega, a dedicação e a cumplicidade são pontos cruciais para o sucesso do projeto. A discussão entre os alunos sobre os trabalhos apresentados pode oferecer aos professores um novo perfil de seus alunos, assim como a escola e os professores serão considerados parceiros e não algozes.

A Prática da Proposta Interdisciplinar e os obstáculos enfrentados

Conforme Capra (1997) a transformação do universo envolvendo, tanto fatores culturais, quanto sociais e econômicos, leva-nos, ao rever as concepções existentes, a retomarmos um passado místico e espiritual, pois, passamos a encarar o ser humano, não mais como uma máquina dividida em partes, mas como um sistema, cujos componentes funcionam de maneira integrada e harmoniosa no sentido de atingir um equilíbrio dinâmico através da interação corpo/mente.

Ao compreendermos o ser humano nas dimensões trabalhadas por Capra (1997), e ao vivenciarmos uma prática pedagógica em cursos de nível superior, o docente deve ser desafiado a agir, tanto na base teórico/conceitual do curso (projeto pedagógico) quanto na proposição de ações educativas que superem essa visão fragmentada e avancem na construção holística do ser, na construção de uma nova pedagogia.

Outro elemento motivador da realização das ações transdisciplinares é o de superar a dicotomia entre ensino e pesquisa, visando transformar a sala de aula num local de desenvolvimento de pesquisa, visando, em parte, diminuir as distâncias entre a teoria e a prática.

A proposta de desenvolvimento de projetos de ações transdisciplinares constitui-se, fundamentalmente, na materialização dos discursos integradores constantes nos projetos pedagógicos, visando o desenvolvimento da autonomia e das responsabilidades, levando o aluno à construção de novos dispositivos em novas situações de aprendizagem.

O ensino ganha significado novo quando propicia o prazer da descoberta e a importância do conhecer, quando provoca a observação, mobiliza a curiosidade, move a busca de informações, esclarece dúvidas e orienta as ações, em suma, quando supre as necessidades vitais do discente (CHIZZOTTI, 2001, p.103).

Neste contexto de trabalho, várias atividades de pesquisa podem ser propostas, desde o levantamento bibliográfico e/ou documental de determinado tema proposto, análise e interpretação dos dados obtidos na pesquisa, até a criação de produtos comunicacionais, tais como revistas, vídeos, home-pages, programas de rádio e televisão, entre outros. Evidentemente as propostas e as metodologias são alteradas, de acordo com os conteúdos programáticos e os objetivos das diferentes disciplinas que participam do desenvolvimento do Projeto. Assim, espera-se do professor uma postura diferenciada:

Antes de ser uma competência didática precisa, ligada a conteúdos específicos, envolver os alunos em atividades de pesquisa e em projetos de conhecimento passa por uma capacidade fundamental do professor: tornar acessível e desejável sua própria relação com o saber e com a pesquisa, encarnar um modelo plausível de aprendiz (PERRENOUD, 2000, p.36).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletir sobre o processo ensino- aprendizagem e propostas alternativas à pedagogia tradicional, é pensar as instituições educacionais e sua relação com a sociedade a partir das novas demandas educacionais de construção do conhecimento. É entender o educando como sujeito no movimento de conhecer o mundo, de forma a tornar-se atuante e interativo nas questões sociais, sujeito/cidadão.

Nesse sentido, as instituições educacionais e suas propostas devem contribuir para que o homem, em seu processo educacional possa reaprender a pensar, num processo permanentemente voltado para as questões do cotidiano, a partir de análises e implicações sociais, econômicas, culturais e ideológicas. Deve-se formar um profissional que reflete a ação, as estruturas, as condições de trabalho, os modos de organização e controle, enfim, um profissional que interfira na realidade, sujeito autônomo que não apenas reproduz, mas que, através de sua criatividade, reconstrói a vida social.

É fundamental destacar que na direção apontada nas linhas deste trabalho, a instituição educacional assume relevante papel na transformação da sociedade. É o espaço

privilegiado do aprender, do ensinar, do pensar, de aprender a reflexão como prática social, oportunizando apoios e estímulos múltiplos.

Desta forma, um projeto de ação pedagógica com estas características alicerça-se em pressupostos epistemológicos e metodológicos que são sempre revisados. Caracteriza-se pela ousadia da busca, da pesquisa e da transformação.

Referências Bibliográficas

CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**. São Paulo : Cultrix, 1997.

CHIZZOTTI, Antonio. Metodologia do ensino superior: o ensino com pesquisa. CASTANHO, Sérgio e CASTANHO, Maria Eugênia (orgs.) **Temas e textos em metodologia do ensino superior**. Campinas, SP : Papyrus, 2001.

DEMO, Pedro. **Conhecer e Aprender**. Porto Alegre, RS : Artmed, 2000.

MACHADO, Virginia. **Planejamento e avaliação no ensino superior**: anotações sobre uma prática pontual. Revista Momento. Rio Grande: Ed. FURG, 2002.

MASETTO, M.T. **Competência pedagógica do professor universitário**. São Paulo: Summus, 2003.

PERRENOUD, Philippe. **10 novas competências para ensinar**. Porto Alegre, RS : Artmed Editora, 2000.

TAVARES, Clotilde. **Iniciação à visão holística**. Rio de Janeiro : Record, 1993.